

A ARTE DA BIBLIOGRAFIA: FERRAMENTAS HISTÓRICAS, PROBLEMAS METODOLÓGICOS E PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS

Em dezembro de 2014 foi realizado, nas antigas aulas da UFRJ, o I Seminário Internacional A ARTE DA BIBLIOGRAFIA, resultado da necessidade de confrontar as reflexões de pesquisadores nacionais e internacionais que atuam no campo da reflexão bibliográfica.

O evento foi uma realização do grupo de pesquisa “Ecce Liber: filosofia, linguagem e organização dos saberes”, iniciativa do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia em parceria com UFRJ, UNB, UNIRIO, USP e UFMG. Tratou-se de um evento que permitiu um diálogo renovado entre representantes de várias instituições, todos envolvidos na busca da construção de um espaço renovado para a Bibliografia, tanto em seus fazeres como na sua relação com outras disciplinas.

Se pressuposto comum para todos os pesquisadores reunidos no evento de que a bibliografia se ocupa de todos os textos registrados, é evidente que sua abrangência é ampla e busca uma ideia universal de controle bibliográfico. Nesse sentido, ela se afasta de maneira concreta dos limites impostos por sua redução a espaço disciplinar, pois abrange um conjunto de disciplinas correlacionadas. O que os pesquisadores reunidos nesse evento buscaram destacar em suas discussões foi o problema representado pela busca de explicação dos signos de um livro enquanto operação distinta de sua simples descrição ou cópia. Nessa busca, com efeito, tais signos adquirem uma função simbólica. A análise bibliográfica não pode, nessa dimensão, prescindir do conhecimento histórico que a antecede. Os interesses que emergiram no evento deixaram claro que quem se ocupa de bibliografia não encontra mais o centro de suas operações unicamente na descrição dos documentos, mas sim no estudo histórico de sua produção e uso.

Assim, para seguir um caminho capaz de alicerçar essa perspectiva sobre bibliografia, as pesquisas apresentadas buscaram retirar a bibliografia dos limites

disciplinares que a despojaram de sua riqueza simbólica. Quando a bibliografia se propõe como restrita aos valores não simbólicos dos signos, eliminando a complexidade das estruturas interpretativas da língua e da história, ela elimina sua riqueza maior, constituída pelo papel dos agentes humanos e renuncia ao diálogo, vital para sua existência, com todos os elementos que constituem uma história do livro. A bibliografia entendida como estudo “material” dos signos que constituem os textos e seus suportes é ponto de partida, mas não se realiza como disciplina se não se dota dos meios adequados para fornecer a razão dos processos, das dinâmicas técnicas e sociais de transmissão, circulação e apropriação dos mesmos.

Como princípio para se falar da bibliografia, foi colocado que nas tarefas da bibliografia cabe registrar e explicar as formas materiais mediadoras de significado, definindo assim uma disciplina interpretativa, não meramente descritiva, cabendo, em seu âmbito, toda estrutura de significado documentável e interpretável. Ainda, a bibliografia é imparcial perante a constituição de novos textos e formas, aceitando não somente a fusão e realização de novos textos com os anteriores, mas, principalmente, a constituição de arquivos, bibliotecas e base de dados, cujos elementos de construção são objeto de sua atividade. A bibliografia nos torna conscientes de que uma biblioteca é um metatexto, revelando-nos seu significado intelectual.

Enfim, o que o evento centralizou foi que a bibliografia, por sua natureza, interessa-se dos textos como produtos sociais e que as dinâmicas humanas e institucionais de sua produção, circulação e apropriação devem ser observadas como campo de atuação muito além de meras concepções técnicas e tecnológicas. Longe de ser, assim, uma disciplina marginal e auxiliar, voltada unicamente para a realização de inventários e para a interpretação restrita de dados editoriais formais, a bibliografia pode se tornar uma disciplina central, fundamental para o entendimento das formas através das quais uma comunidade “informa” e produz sentido em suas experiências, com base nas atividades de uma descrição e análise que se tornam designação dos conhecimentos. Cai, assim, na relação que se estabelece entre forma e sentido, a divisão instituída entre descrição e interpretação, conferindo à bibliografia, graças às suas técnicas específicas, uma posição central na documentação enquanto prática simbólica.

Com tamanhas ambições, os pesquisadores convidados apresentaram seus trabalhos que, neste número temático da Revista **Informação & Informação**, encontram-se reunidos tematicamente.

No intuito de contribuir com o avivamento das reflexões sobre bibliografia, no artigo “As realidades de uma aventura documentária”, a autora Stephanie Manfroid apresenta o *Mundaneum*, descreve esse vasto repertório sintético e declara que sob o vocábulo *Mundaneum* se escondem instituições variadas. Hoje, esse é o nome de um centro de arquivos localizado na Bélgica que conserva, preserva e valoriza o patrimônio sobre a bibliografia, a documentação e os registros imagéticos. Queremos destacar, aqui, que foi mantida, no final, a escolha da autora de relacionar não um conjunto de referências, mas sim uma bibliografia. Apesar de não “respeitar”, com isso, as normas de publicação da revista, quisemos manter o significado da bibliografia como processo que mapeia e norteia a construção de um conhecimento necessário às atividades do *Mundaneum* e não um conjunto de referências necessárias porque citadas no corpo do texto. A bibliografia é, aqui, a base de uma trajetória reflexiva que desenha o ensaio da autora. A escolha marca, também, a necessidade de repensar o *habitus*, no sentido bourdieusiano do termo, de instituições que ladeiam a academia (o *Mundaneum* é uma dessas), produzindo “outras” ciências, não menos legítimas, com o uso de “linguagens” do conhecimento que, inevitavelmente, para se construírem, fogem a padronizações frequentemente redutivas.

No artigo “Bibliografia: caminhos da história contada e da história vivida”, o autor Eduardo Alentejo trata a Bibliografia tendo como referência sua historiografia. Tem por material as bibliografias citadas, os clássicos e os autores que marcaram o desenvolvimento da área. Trata-se de um artigo que escolhe uma leitura histórica convencional, progressiva, mas que não por isso deixa de representar uma das maneiras pelas quais a bibliografia encontra seu lugar. Contrasta, nesse sentido, com outros artigos aqui apresentados que repensam o espaço da bibliografia histórica não de maneira positiva, como nesse artigo, mas de redescoberta daquilo que, em operações cuidadosas de revisão historiográfica, ocultado, revela-se como presente já nos passados da produção bibliográfica.

O artigo “Do Instituto Internacional de Bibliografia ao Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação: as bibliografias como memória do conhecimento e reflexos das ideias de Otlet no Brasil”, autoria de Lena Vânia Ribeiro Pinheiro, é fruto de investigação dos primeiros conceitos de bibliografia formulados por documentalistas históricos, da concepção de bibliografias como “método científico de prospecção e classificação” e da distinção entre a concepção de uma classificação e o ato de classificar, ainda, das dificuldades de tradução (*classement*, *classer* e *classification*).

A autora Giulia Crippa, no artigo “Cassiodoro e as *Institutiones Divinarum Litterarum* como fonte histórica para a discussão sobre práticas bibliográficas e Organização do Conhecimento”, enfatiza que a Ciência da Informação discute o acesso e uso da Informação. No âmbito de tais discussões, considera que a Bibliografia representa um dos alicerces, enquanto metadisciplina, para o tratamento dos documentos. Se observada pela perspectiva do “gesto bibliográfico”, percebe-se que sua história é bem anterior à invenção da impressão dos livros, podendo ser individualizada em seus elementos principais em um tratado do século VI, o *De Institutione Divinarum Litterarum* de Cassiodoro (c. 490-c. 584).

“Pioneirismo bibliográfico em um Polímata do Séc. XVI: Conrad Gesner”, artigo de André Vieira de Freitas Araujo, traz a argumentação de que a Bibliografia é uma disciplina constituída por interfaces teóricas e práticas, que desde sua origem tem fundamentado o tratamento documental. Possui uma longa história, cuja eminência está nas contribuições de Conrad Gesner (1516-1565), cientista, erudito e bibliógrafo suíço, e na sua obra *Bibliotheca Universalis*.

A partir da perspectiva de uma epistemologia histórica, o autor Gustavo Silva Saldanha traz uma reflexão, de fundo filosófico, e propõe uma discussão sobre a construção do pensamento peignotiano em direção à seara bibliográfica, pesquisa relatada no artigo “A posição da Bibliografia na epistemologia de Peignot no Setecentos”.

No artigo “O gesto bibliográfico e a modernidade”, o autor Vinícios Menezes declara que a bibliografia partilha de uma esfera discursiva tensiva, ora intensamente textual, ora demasiadamente estatística. Em linhas gerais, põe a bibliografia em perspectiva como uma performance linguística que porta consigo

milênios de tradição, reviravoltas, guinadas, estagnações, que todavia não lhe arranca o frescor.

Carlos Henrique Juvêncio e Georgete Medleg Rodrigues, no artigo “A Bibliografia no Brasil segundo os preceitos otletianos: a liderança da Biblioteca Nacional e outras ações”, enfatizam que os ideais de Paul Otlet e Henri La Fontaine para a criação de uma grande fonte de informação perpassaram pela propaganda junto a governos, instituições e pessoas do mundo todo. Para Otlet e La Fontaine, na base dos ideais que norteavam suas propostas, estavam palavras como Mundialismo, Internacionalismo e Universalismo. Nesse sentido, vários órgãos brasileiros aderem à proposta disseminada por meio do Instituto Internacional de Bibliografia, idealizado e realizado por Otlet e La Fontaine em 1895.

“Bibliotecas, Catálogos e Coleções” é o artigo de Amir Brito Cadôr, o qual destaca que os livros de artista são o ponto de partida para uma reflexão a respeito de bibliografias contemporâneas, critérios de catalogação dos livros e modos pouco ortodoxos de organização de bibliotecas. Alguns livros de artista são verdadeiras bibliotecas sem paredes, que substituem a lista nominal de livros por imagens de suas capas. Outros livros são catálogos que reproduzem parcialmente as obras.

Por fim, fechando esta edição, no artigo “*Bibliography, Metrics and Data Visualization: how may we compose shared contexts of information?*”, a autora Marina Boechat argumenta que o trabalho cuidadoso de compor contextos bibliográficos é uma preocupação fundamental da bibliografia e colabora para uma melhor compreensão da intertextualidade entre documentos. A ideia de contexto pode, no entanto, assumir muitas inflexões, conectadas com as diversas abordagens do material bibliográfico. Defende que os métodos quali-quantitativos e a visualização de dados podem ser usados para recompor contextos bibliográficos a partir de pontos de vista renovadores.

Com esse amplo leque de reflexões produzidas em âmbito brasileiro e internacional, consideramos que este espaço temático oferece ao leitor ricas possibilidades de adentrar a bibliografia não mais como campo “técnico” de práticas desmemoriadas, mas sim como lugar de reflexão aberto e de grande fôlego no presente e no futuro. Convidamos, assim, não somente a leitura deste

número temático, mas a participar do II Seminário sobre o tema, que acontecerá nos dias 3 e 4 de dezembro de 2015, em São Paulo, com convidados nacionais e internacionais.

Gostaríamos também de realçar que, a partir deste número, a revista **Informação & Informação** passa a ser publicada com a sua capa identitária, além de se apresentar com um formato renovado. Mais uma conquista da revista na distinção acadêmica e no prazer da leitura.

Giulia Crippa

Professora Associada, DEDIC/FFCLRP/USP
PPGCI/ECA/USP